

O ESPAÇO PÚBLICO E O MUNDO DO TRABALHO NA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE GEOGRAFIA¹

Helena Copetti CALLAI
helenac@unijui.edu.br

Universidade de Ijuí – UNIJUI. Brasil

INTRODUÇÃO

Num contexto de profundas transformações nos processos de organização econômica e social e de rápida veiculação da informação é adequado que se possa perceber o que é permanente e o que é transitório. A informação é cada vez mais veloz e está disponibilizando em maior quantidade tudo que acontece em qualquer lugar do mundo. As dimensões de espaço e tempo alteram-se neste movimento, expressando-se através das redes que tanto podem ser materializadas sob a forma de edificações, quanto podem ser virtuais. Por exemplo, é o caso do dinheiro “*que não dorme*”, ele circula pelo mundo ocupando as 24 horas do dia, de todos os dias. Qualquer fato que aconteça em qualquer lugar do mundo pode tornar-se presente na vida de todas as pessoas. Pode afetar, concretamente ou simplesmente pela informação. Algumas pessoas são atingidas por seu efetivo desenvolvimento e outros são atingidos de forma passiva.

A tecnologia comanda as inovações e a estrutura de novas relações entre as pessoas, entre os variados grupos e também entre as nações. Estruturam-se inclusive novas regionalidades espaciais, em que as regiões não mais se constituem apenas pela contigüidade territorial, mas pelos interesses, interligando áreas descontínuas, unindo pessoas distantes fisicamente e se sobrepondo a laços étnicos e culturais. A partir das redes, a intensidade e o tipo de fluxos passam a ser estruturados e assumem intensidades variadas dependendo do tipo de interesses envolvidos.

¹ Este texto discute a articulação teoria - prática como um desafio para o ensino de Geografia, no caso da formação docente, donde decorrem questões a respeito de qual o ensino, o que e como ensinar. É o relato uma experiência curricular do curso de geografia-formação de professores, que busca integrar o mundo do trabalho na formação docente. Discute a formação do professor em sua inserção no mundo do trabalho, a possibilidade de teorização das práticas pedagógicas e a construção da identidade e pertencimento na constituição de sua cidadania.

O ENSINO DA GEOGRAFIA DIANTE DOS NOVOS DESAFIOS

Este novo panorama do mundo constitui os cenários onde vivemos e trabalhamos. E é ao mesmo tempo para nós professores de Geografia o conteúdo de nossa disciplina escolar. Portanto, compreender estes cenários significa para o professor de geografia além de situar-se no mundo reconhecendo a sua identidade e pertencimento, conseguir compreender os fenômenos que estão acontecendo e as formas como eles se concretizam nos espaços. Este espaço que vai sendo produzido é o resultado das ações humanas, das relações sociais, da forma de entendimento do que vai sendo vivido.

O conhecimento do professor é o resultado do que ele vivencia no cotidiano de sua vida, que poderíamos chamar de senso-comum, e de verdades construídas pela humanidade. Da interlocução de um conhecimento com outro resultam os saberes do professor, que tem a ver com a sua própria prática.

Neste quadro a cultura hegemônica tende a se constituir como única e se estabelecer em todos os lugares e, sobretudo envolvendo a todos. Dependendo do tipo de organização/ estruturação cada lugar responde a sua maneira a estes fluxos. Importa aí a força do lugar, que depende do tipo de relações que existem entre as pessoas e as instituições, assim como o grau de coesão interna. Se considerarmos, “que não há um tempo global, único, mas apenas um relógio mundial, também não há um espaço global, mas apenas, espaços de globalização, espaços mundializados reunidos por redes”. (SANTOS, 1996: 268)

O desafio de compreender esta lógica se coloca para o professor de geografia como fundamental, pois é imprescindível superar a idéia de espaço absoluto para compreender a relatividade do espaço que inserido no contexto mundial não é apenas um lugar neutro. Mas é um lugar que tem história, que tem vida. E esta vida é a das pessoas que ali estão submetidas às regras que são impostas de fora, mas também entrelaçadas com a força do lugar. Esta força é medida e expressa pela forma como estão organizadas as pessoas. Entende-se que cada lugar tem a partir de suas características, que lhe imprimem a identidade, formas diversas de encarar os problemas que enfrentam. A força do lugar está na capacidade do poder político e da organização social da população, e aos docentes cabe entender a capacidade de cada um, seja o professor, sejam seus alunos, de serem protagonistas da sua história e da construção do lugar em que vivem.

Se entendermos que “não existe um espaço global, mas, apenas, espaços de globalização”, (SANTOS, 1996: 271) podemos compreender o papel da cultura hegemônica e das realidades dos lugares. O professor ao compreender isto estabelece as bases do seu trabalho. Em que medida, ele tem este entendimento é o desafio que temos ao realizar o nosso trabalho de formação docente e as formas possíveis de ação na formação continuada. Mas não ficamos por aí, pois existem outros saberes que são fundamentais tanto para formação docente quanto para a sua ação. Se considerarmos os saberes específicos como o cabedal técnico necessário a disciplina que se ensina e à ciência que se estuda, existe uma outra dimensão que é a pedagógica. Partimos então que existe sempre uma dimensão pedagógica no ensino e no trato dos conteúdos específicos. Essa dimensão pedagógica está além da simples forma de transmitir ou trabalhar com esses conteúdos. Tem um significado social, que envolve os sujeitos, que dá significado ao ensino e às aprendizagens. Isso quer dizer, que vai além do saber técnico, que é fundamental e básico para o ensino e para a formação. Entendo que esse significado social é fundamental, pois afinal para que se ensinam determinados conteúdos? Para que se

quer que aprendam esses conteúdos? Nesse sentido entra o desafio de como fazer para dar conta disto. Com certeza não é simplesmente dando encaminhamentos metodológicos variados e inovadores.

Pode-se assim discutir os saberes dos professores, que advêm de dois níveis. O do conhecimento científico, resultado dos conteúdos específicos da disciplina escolar. Este é o saber erudito e codificado que faz parte das matérias na universidade – quando de sua formação inicial. Mas também faz parte do livro texto que disponibiliza as informações de forma didática, a respeito do avanço do conhecimento pela humanidade.

E existem os conhecimentos práticos que podem ser caracterizados como aqueles resultantes da ação do exercício profissional (muitos professores de escola básica estão ainda fazendo a sua graduação que é a formação inicial). Estes conhecimentos práticos se expressam tanto na capacidade de executar determinadas habilidades adequadas ao exercício profissional, como ao conhecimento de senso-comum. Em resumo é o conhecimento que resulta da ação e que desencadeia as competências para a ação docente, no que se refere tanto aos saberes específicos, quanto aos pedagógicos.

Os saberes que os professores possuem não foram necessariamente construídos e organizados deliberadamente. Pode-se dizer que são os conhecimentos advindos do mundo da vida, organizados enquanto vivem. Alguns sistematizados nos cursos, que juntamente com aquilo que se denominou anteriormente de senso-comum e mais as exigências cotidianas da prática fazem a constituição dos seus saberes.

Uma experiência realizada no curso de Geografia em que atuo – Unijui - permitiu observar como pode acontecer na prática a constituição dos saberes do futuro professor. Tendo por ponto de partida de um lado, o entendimento da ciência e das questões pedagógicas intrínsecas à formação, bem como, por outro lado, das exigências postas pelo trabalho no mundo atual, ao organizar um plano curricular e mesmo ao planejar cada um dos componentes curriculares tornam-se presentes as exigências feitas pelo mundo do trabalho.

A dinamicidade das relações, a velocidade da informação e o redimensionamento dos conceitos de Tempo e Espaço são aspectos que merecem ser considerados. Estudar o espaço geográfico, questão básica e ponto de partida para definição de currículos, supõem ter claras as concepções que se adota. Por geografia se entende que é a ciência que estuda o espaço organizado pelos homens, considerando as condições que eles tem de se apropriar da natureza e o tipo de relações que os homens mantem entre si em sua vida em sociedade. Para tal torna-se necessário desenvolver raciocínios geográficos. E surgem então questões: como desenvolver um raciocínio geográfico? É possível ter um olhar espacial para interpretar os problemas da realidade que a sociedade apresenta? Como construir então esse olhar e esse raciocínio de modo que sejam ágeis e que permitam acompanhar as mudanças? Essas questões reúnem a intenção de construção da cidadania e a possível contribuição da geografia para tal. Aparecem aqui novamente a dimensão técnica e a dimensão pedagógica antes referida, na constituição dos saberes do professor.

Tendo como pressuposto teórico que este olhar geográfico tem de ser construído ao longo do processo de formação do profissional, sempre se perguntando a respeito da contribuição que a análise geográfica pode dar à interpretação da realidade, à análise das questões que envolvem a sociedade e, também, à construção de proposições para essa sociedade, pois que é fundamental pensar o futuro. A formação do profissional deve dar conta da dimensão prospectiva, pois, os acadêmicos de hoje serão profissio-

nais de amanhã e ao concluírem os seus cursos com parâmetros de hoje já estarão em atraso. Inclusive os estudantes da Educação Básica com quem os professores trabalham são jovens que vivem num mundo com muitas diferenças do que foi o nosso e o dos seus respectivos mestres.

Esse olhar geográfico, com base em uma teoria social, tem de trabalhar com um método de análise que permita ver além das experiências, que consiga buscar as explicações para a compreensão dos fenômenos. Portanto, formar esse espírito geográfico requer o emprego de métodos de ensino, metodologias e técnicas que superem a simples transmissão de informações e que se assente em alternativas para mobilizar o intelecto do aluno, fazendo com que ele se pergunte e não apenas espere respostas.

Partindo de que o espaço é a expressão (materializada) da sociedade, e que as sociedades atuais estão passando por transformações significativas pode-se depreender que estão surgindo configurações espaciais novas e diversas conforme o lugar. Para HARVEY, (1980) “desde uma perspectiva material, podemos sustentar que as concepções objetivas de tempo e espaço se criam necessariamente mediante práticas e processos materiais que servem para reproduzir a vida social... É um axioma fundamental de minha indagação que tempo e espaço não podem ser compreendidos independentemente da ação social.”

Neste sentido, ao meu entendimento, assume supremacia o espaço de fluxos que encaminha à formação de redes. (CASTELLS, 1996). Redes que se apresentam com a complexidade que envolve as relações sociais e, portanto, cheia de significados que necessariamente exigem a atenção ao local e ao global. (SANTOS, 1994,1997).

A formação dos professores de Geografia deve, portanto, levar em conta todos esses aspectos e, para além deles considerar a trajetória do conhecimento geográfico e sua popularização. A geografia que como conteúdo escolar possibilite a formação de sujeitos que compreendam o mundo em que vivem e que consigam exercer a sua cidadania.

Compreender a realidade através da Geografia significa conseguir operar com os conceitos básicos e os instrumentos adequados para fazer a investigação e exposição dos seus resultados. O desafio é como fazer isto, e no caso da formação do profissional/professor como exercitar a interligação teoria e prática. Neste contexto é que se situam no interior do plano curricular do curso de Geografia da Unijui, os **Seminários de Interação Profissional**, que conforme o documento do Projeto Político Pedagógico – Curso de Geografia: “Consiste em espaços pedagógicos de relação com o mundo do trabalho, através de situações de aprendizagem com a reflexão sobre as práticas e vivências do Profissional da Geografia, realizados a partir de observações, seminários, práticas de ensino e/ ou estágios. A inserção no mundo do trabalho significa a vivência do aluno no âmbito do trabalho específico à habilitação escolhida. Neste sentido, na licenciatura o estudante deverá ter o convívio com as escolas, com os profissionais da educação, com os alunos do ensino básico. Pode participar de projetos afins a sua área e a sua especialidade na perspectiva da formação continuada, participar de reflexões, da realização de investigações, de coleta e organização de dados, na construção de material pedagógico, na construção de metodologias, na discussão teórica que embasa o fazer geográfico. Pode desenvolver projetos dentro das escolas e também no âmbito da sociedade civil.

Essas atividades supõem a realização de planejamento do que será feito, especificando a carga horária, o local, o grupo e o que fazer. Após o desenvolvimento da atividade pratica deve ser elaborado um relatório que apresenta o que foi realizado e que

contenha a reflexão para teorização do que foi feito. A avaliação acontece de forma a ser definida com o grupo de alunos e o Colegiado de Curso, através do Coordenador do Curso ou “tutor” do aluno. Este componente curricular de Interação Profissional, desenvolvido através de seminários, tem para cada um deles definido no plano curricular, a ementa, os conceitos que devem ser considerados e uma bibliografia mínima a que o graduando deverá ter acesso.

Como docente, acompanhando todo o processo com um grupo de alunos com quem o trabalho é realizado, é possível constatar os avanços e os desafios postos ao estudante, e a formação das concepções que nortearão a sua ação profissional. Conhecer o mundo do trabalho significa de um lado verificar na prática o que acontece nas instituições em que os professores de Geografia atuam, e ter o contato com estes para ouvi-los, observá-los e procurar compreender como realizam o seu trabalho. Por outro lado significa conhecer as leis que regem estas ações e que pautam o trabalho nas instituições. E além da legislação é importante o contato com as discussões teóricas a respeito da constituição da Geografia como ciência, como conhecimento escolar, como disciplina curricular e quais as possibilidades metodológicas de investigação e de operacionalização e a sua formação profissional. Do ponto de vista pedagógico se conseguiu um grande avanço na/para a aprendizagem, uma vez que se operacionaliza a pesquisa como fundamento da aprendizagem. Após receberem no início do respectivo semestre letivo, a orientação de leituras básicas, das sugestões de atividades e dos parâmetros para a análise, os estudantes têm o decorrer do período letivo para darem conta da efetivação das ações propostas. As visitas, as observações, entrevistas, as leituras e a elaboração dos relatórios são apresentados ao final do semestre na segunda sessão do referido seminário. Neste momento são comunicados os conhecimentos adquiridos, as opiniões a respeito do que conheceram e se desencadeiam discussões muito interessantes. Durante o semestre os alunos trabalham por sua própria conta e tem a possibilidade de solicitar orientação ao professor coordenador. Tem assim início efetivo e exercício de pesquisador, sem a tutela permanente do professor orientador, tendo o acadêmico, que definir com autonomia o quê, como e quando fazer cada ação. O princípio de aprender a aprender é aqui exercitado em toda a sua potencialidade e a construção do conhecimento é singularizada no contexto de toda turma, pois os limites possíveis são vencidos individualmente, mas sempre tendo que contar com o outro, seja o colega, os professores do curso, os profissionais em exercício.

Os relatórios solicitados são apresentados a partir de roteiros pré-estabelecidos. Ao final da realização dos seis seminários cada aluno tem o seu **arquivo-memória**, com documentos da legislação específica, para o professor que atuará nas diversas redes de ensino. Além do conhecimento das leis, ele verifica “in loco” a ação destes profissionais, tendo oportunidade de conhecer o trabalho realizado, as instituições que podem ser públicas ou privadas e as discussões que existem a respeito deste mercado de trabalho. Inclusive descortinaram-se possibilidades de trabalhar na educação não-formal, com o ensino de Geografia.

Além disto, outro aspecto merece ser considerado, que é já a partir do primeiro semestre letivo do curso o ensejo de contato direto com a profissão, com os profissionais que nela atuam. Concretiza-se a possibilidade da relação prática e teoria.

Vejamos para efeitos de ilustração o que dizem alguns dos alunos que integralizaram os seis seminários:

- “É importante que o professor seja um pesquisador e faça com que seus alunos o sejam também, pois devemos deixar para trás o velho modelo fordista onde o professor ensina através da cartilha (livro-didático) e só por ela faz seu trabalho didático com perguntas e respostas prontas onde o aluno não é levado a pensar, pesquisar, questionar.” (M.)
- “Após realizar vários trabalhos sobre o ensino da Geografia com leituras de aulas, pesquisas, entrevistas e elaboração de textos onde pude perceber que geografia é uma ciência que trabalha vários assuntos e que prepara o jovem para a cidadania, levando o aluno a “aprender a aprender”, “saber fazer” e “aprender a pensar”. (D.)
- “Assim através deste trabalho senti que realmente, o professor deve ser orientador, mas não delimitando aquilo que se deve fazer, pois o meu objetivo principal era construir no aluno a capacidade de sentir que ele é agente modelador do espaço despertando nele o espírito crítico e coletivo. Porém os alunos foram além do planejado e tem como objetivo no próximo ano fazer um monitoramento das mudas distribuídas semestralmente e de estender esta idéia a todos as colegas principalmente série finais, diversificando o tipo e variedade de plantas, colocando na escola placas com dizeres educativos, através desta atividade senti que o trabalho é gratificante para o educando, trazendo a eles grandes exemplos que auxiliarão na construção da identidade e da cidadania dos alunos.” (M.)
- “É no espaço geográfico que se realizam as manifestações da natureza e as atividades humanas. Por isso, compreender a organização e as transformações sofridas por esse espaço é essencial para a formação do cidadão consciente e crítico dos problemas do mundo em que vivem. Desenvolver o espírito crítico não significa doutrinar e sim mostrar alternativas e realidades; uma geografia preocupada não com a descrição das paisagens, mas sim com a compreensão das relações sociedade-espaço”. (N.)
- “Ser cidadão pleno supõe um conhecimento do meio em que se vive, e o estudo do espaço geográfico não deve ter uma finalidade meramente acadêmica ou escolar. Deve isto sim, encontrar utilidade na vida prática, na reflexão sobre o mundo, para nele viver melhor, promovendo inclusive transformações. O papel da Geografia diante da realidade mutável do espaço mundial e também do espaço brasileiro, das perspectivas para o século XXI, do futuro do aluno com cidadão num mundo globalizado, onde o fundamental não é mais saber macetes, ter uma profissão técnica ou ser mais um militante acrítico que somente repete dogmas. O essencial hoje é aprender, aprender a pensar por conta própria e principalmente, buscar sempre coisas novas.” (M.)
- “A realização desses seis seminários nos deixou mais a vontade em relação a sala de aula e o aluno. Atuamos em experiências com professores em sala de aula e observamos práticas e entrevistamos profissionais e refletimos sobre suas ações.” (T.)
- “A interação dos alunos do curso de graduação com a comunidade escolar e geral complementou o estudo das outras disciplinas” (M.)
- “Como vimos nos trabalhos efetuados nos outros seminários que antecederam a este, a geografia passou de uma geografia tradicional, voltada para a memorização, para uma geografia crítica, onde hoje, o papel da geografia no sistema escolar é o de integrar o educando ao meio, ou seja, ajudá-lo a conhecer o mundo em que vive. Tem por objetivo auxiliar na formação de cidadãos conscientes, ativos e

dotados de opinião própria. Integrar não é acomodar. A integração supõe reflexão sobre a realidade e aspirações de mudanças com intuito de alcançar uma situação melhor. A geografia busca explicar o mundo mais claramente fazendo com que o aluno perceba as transformações que se sucedem a uma velocidade acelerada e diante da qual deve tomar decisões.” (G.)

- “Os Seminários de Interação Profissional trabalhados no decorrer do curso de Geografia complementam os assuntos abordados nas disciplinas, e ainda proporcionam ao acadêmico ter um contato mais direto com as Escolas, Associações e Entidades de Classe, as quais fazem parte do mundo dos professores de geografia ou dos geógrafos. É importante o acadêmico ter esse contato direto com a profissão, pois isto, inclusive ajuda na hora optar pelo Bacharelado ou pela Licenciatura.” (E.).
- “Todos os seminários, realizados até agora nos foram muito importantes, pois a cada etapa os acadêmicos se inseriram em uma escola ou instituição para conhecer experiências reais vividas em sala de aula, tendo um contato direto com alunos, professores e com as aulas de geografia. Através destas observações diretas pode-se perceber que os professores estão cada vez mais tentando se atualizar, para passarem aos alunos o conteúdo articulado com a realidade vivida. (M.)
- “Os Seminários de Interação Profissional tem contribuído muito na minha formação e ação como professora. Os mesmos têm esclarecido conceitos, os quais tratam sobre situações práticas de aprendizagens da Geografia e também tem proporcionado a nossa inserção junto à entidade ou instituições públicas, os quais têm por objetivo tematizar aspectos relevantes do conhecimento geográfico e refletir sobre o nosso percurso de formação e ação (modo de agir na sala de aula ao trabalhar os conteúdos, interagir como os alunos)”. (I.)
- “Hoje tenho certeza de que a minha maneira de atuar em sala de aula, mudou muito e isso deve-se, em grande parte aos conhecimentos adquiridos ao longo do curso de geografia e especificamente dos Seminários de Interação, os mesmos propiciaram-me um conhecimento muito grande sobre o que é formar um aluno um verdadeiro cidadão.” (L.)

Estes depoimentos transcritos do relatório do Seminário VI, de alguns alunos, aqui indicados apenas com a letra inicial de seu nome, expressam como consideraram parte da atividade de Inserção Profissional no curso de sua formação inicial. Deve-se ressaltar a importância de considerar a constituição dos saberes, sejam eles específicos ou pedagógicos, na formação docente.

Como professora do curso de Geografia e tendo a oportunidade de atuar na coordenação dos seminários, ressalto a significativa contribuição que eles trazem para a formação do aluno. Inteirar-se do mundo do trabalho, buscar os parâmetros para interpretar o que acontece, conhecer a legislação, as regras do mundo do trabalho e também os parâmetros da ciência é fundamental para a formação profissional, para se sentir inserido no curso. Saliento ainda como mérito a busca de aprender a construir o seu conhecimento particular, a formular opiniões embasadas em referenciais da prática e da teoria. A possibilidade de concretizar a máxima de aprender pela pesquisa rompe com o ensino tradicional, abrindo as perspectivas ao respeito pela aprendizagem de cada um, superando o exercício de o professor passar a matéria. Esta será apenas a base para a construção do conhecimento particularizado. Ao formular um problema a ser investiga-

do cada um deve buscar os recursos de que necessita para dar conta do mesmo. E isto significa ir aprendendo. Aprendendo a fazer e incorporando novos conhecimentos.

Entendo que o desafio que se coloca é como trabalhar nos cursos de formação docente a dimensão tanto, pedagógica quanto do trato dos conteúdos. Do professor são exigidos, sem dúvida nenhuma conhecimentos específicos da sua ciência/disciplina, mas deve acima de tudo ter o discernimento de como usar esses conhecimentos e como fazer para constituir os seus saberes. Parece-me que o insubstituível é ter uma fundamentação teórica segura e sólida, tanto no que trata do pedagógico quanto do específico. Esta permitirá que cada um faça as suas escolhas e que tenha clareza de por que as faz. Pensar as suas próprias práticas exige buscar nos baús da memória os saberes que foram sendo constituídos e nisso cada um deve fazer o seu caminho. O fazer pedagógico é que dá a dimensão, a cor, o significado e as qualidades, aos conhecimentos com que se trabalha. Sempre perguntar-se para que trabalhar este conteúdo, onde busca-lo e como trabalhar pode ser o caminho. Afinal a possibilidade de cada um construir a sua identidade, de compreender o seu pertencimento é o caminho para o exercício da cidadania.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CALLAI, H. C. (1999) *A formação do profissional de geografia*. Ijuí: Ed. Unijuí.
- CASTELLS, M. (1996) *La Era de la Información*. Madrid: Alianza Editorial, 3 vol.
- BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Lei 9394/ 1996. s.l.; FETEE-Sul. s.d. 32 p.
- HARVEY, D. (1992) *Condição Pós-Moderna*. São Paulo: Ed. Loyola.
- SANTOS, M. (1994) *Técnica Espaço Tempo-Globalização e meio técnico-científico. Informacional*. São Paulo:Hucitec.
- SANTOS, M. (1996) *A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção*. São Paulo:Hucitec.
- UNIJUÍ (2002) *Plano político pedagógico- curso de geografia*. Departamento de Ciências Sociais. Ijuí:Ed. Unijui.